

**NAS ENCRUZILHADAS DE *BECOS DA MEMÓRIA*, DE CONCEIÇÃO  
EVARISTO, E *TEXACO*, DE PATRICK CHAMOISEAU: A DIÁSPORA NEGRA  
ENTRE REMOÇÃO, DEAMBULAÇÃO E RESISTÊNCIA**

Júlia ALMEIDA<sup>9</sup>

**RESUMO**

No esteio dos estudos pós-coloniais e culturais, em que se inscrevem as narrativas de sujeitos deslocados pela violência e precariedade herdadas dos dispositivos de poder-saber coloniais, colocam-se em questão os modos de viver e narrar da diáspora africana, disseminada pela escravidão transatlântica. Não raramente, a produção cultural dessa diáspora reescreve, de uma perspectiva afro-identificada, experiências de remoção e despejo vividas por sujeitos que, excluídos dos benefícios do nacional e dos direitos à cidade, são levados a resistir ou a deambular pelas periferias das cidades contemporâneas. Os romances *Becos da memória*, da escritora brasileira Conceição Evaristo (2013), e *Texaco*, do escritor martinicano Patrick Chamoiseau (1992), ficcionalizam processos de remoção urbana na segunda metade do século XX e podem, em cotejo, através de crítica comparatista e interdisciplinar, produzir cartografias muito vívidas de nossos espaços urbanos e suas fortes heranças coloniais, que ainda exigem de nossas sociedades um esforço grande na direção de sua superação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Crítica pós-colonial; Literatura afro-brasileira; Diáspora africana; Remoção forçada; Literatura comparada.

As milhares de remoções em curso no cenário dos megaeventos no Brasil colocam em pauta a luta de populações periferizadas pelo território e pela moradia e reatualizam o interesse dos pesquisadores pelo tema do deslocamento urbano forçado, que não é prerrogativa dos brasileiros, já que, segundo o geógrafo Rogério Haesbaert (2014:17)

a exclusão aviltante ou as inclusões extremamente precárias a que as relações capitalistas relegaram a maior parte da humanidade faz como que muitos, no lugar de partilharem múltiplos territórios, vagueiem em busca de um, o mais elementar território da sobrevivência cotidiana.

---

<sup>9</sup> UFES, Departamento de Línguas e Letras, Av. Fernando Ferrari, n. 514, Goiabeiras, 29060-900, Vitória, Espírito Santo, Brasil, [almeidajulia@terra.com.br](mailto:almeidajulia@terra.com.br)

É a esse processo de vagância em busca de um território que o autor reserva uma concepção mais social de desterritorialização, que pensa a territorialização (material e imaginária) sob condições de exclusão socioespacial (territorialização precária), invertendo as interpretações hegemônicas que expressam positivamente os processos contemporâneos de deslocalização e de mobilidade entre diferentes territórios (multiterritorialidade).

Nossa investida nos romances *Becos da memória*, de Conceição Evaristo (2013), e *Texaco*, de Patrick Chamoiseau (1992), pretende, assim, acercar-se de práticas literárias que tratam de processos de remoção urbana no Brasil e Martinica, em busca de delinear uma possível estrutura de sentimento (Williams, 2011) ou características comuns a esses escritores que, nessas obras, formularam respostas a determinadas condições subjacentes e formativas da precária territorialização da diáspora nas Américas, constituindo por meio dessas práticas, como sugere Williams (2011:34-35):

[...] a dramatização de um processo, a criação de uma ficção em que os elementos constitutivos reais da vida social e das crenças foram simultaneamente atualizados e, de forma importante, vividos de modo diverso, a diferença residindo no ato criativo, no método imaginativo e na organização imaginativa específica [...].

Tencionamos pensar, nesse cotejo, como a produção de significados (inclusive de um substrato metafórico da terra e do território) oriunda dessas franjas das sociedades brasileira e martinicana pode, quando friccionada, ampliar seu potencial contestatório dos valores hegemônicos que saturam nossas sociedades ainda desiguais, cujas elites tendem a ver e dizer esses processos de remoção e luta por território de uma perspectiva privada, policialesca, anti-direitos e anti-cidadania.

O texto se divide em três tópicos: o primeiro em que tratamos dos conceitos operatórios de diáspora e posicionamento, com os quais formularemos uma perspectiva de lugar de fala, crucial para aqueles se encontram sem lugar de existência; no tópico seguinte, após uma breve apresentação dos autores e dos romances, faremos o cotejo dos dois textos, em dois subtópicos que abordam, respectivamente, a questão da memória da escravidão e do substrato metafórico do desenraizamento; por fim, em tópico conclusivo, retomamos a questão da estrutura de sentimento (e seus significados) nas práticas e condições de escrita da diáspora negra, apontando o quanto interrompem o silenciamento que as narrativas oficiais fazem desses processos de remoção.

## **Diáspora e novas posições**

Desde que os textos do círculo de Bakhtin e os estudos de E. Benveniste inseriram a enunciação, o discurso e a intersubjetividade no centro dos estudos linguísticos e literários, conceituações diversificadas de lugar/posição de fala/enunciação passaram a alimentar boa parte das reflexões contemporâneas sobre a linguagem, a cultura e o conhecimento. Mais recentemente os estudos culturais têm se valido sobremaneira das implicações dessas teorias da enunciação e da ideia de que falamos e escrevemos desde um lugar, um tempo, uma história e uma cultura específicas, que posicionam e “localizam” os discursos e os sujeitos, seja do cinema, da literatura, da produção cultural, enfim (Hall, 1996). Se as noções geográficas de espaço, lugar, local, posição têm servido para a explicitação das condições do discurso, fazem-no de forma simbólica, já que os espaços de fala, longe de coincidirem com coordenadas geográficas e materiais dadas, são também espaços vividos, sentidos, imaginados, negociados, sobretudo conquistados e inventados. É, nesse sentido, que Hall trata do novo cinema caribenho “não como um pobre espelho erguido para refletir o que existe, mas sim como uma forma de representação que é capaz de nos constituir como sujeitos e temas de novos tipos, permitindo-nos, por conseguinte, descobrir lugares *desde* os quais falamos” (Hall, 1996:75); o que implica uma “política da posição” nessas estéticas, atravessadas pelo diálogo tenso entre o modo como o sujeito negro foi historicamente posicionado ou situado pelas representações coloniais e eurocêntricas e o modo como constroi novos posicionamentos ou posicionalidades como “pontos instáveis de identificação ou sutura, feitos no interior do discurso, da cultura e da história” (Hall, 1996:70). E, assim, ao lado de uma perspectiva social da desterritorialização, uma noção de identidade cultural é pensada, a partir daqueles que viveram como vencidos – e “esvaziados” intimamente – o processo de colonização e escravidão.

Ainda com Hall (2003), entrevemos também uma concepção metafórica e não retrógrada de diáspora, que permite corrigir aquela usada tradicionalmente em relação a Israel, formulada em termos de volta à terra sagrada e de expulsão dos demais. Ao contrário, a concepção de diáspora do autor reconhece a diversidade e a heterogeneidade necessárias, expressando o modo de vida de zonas de contato e uma etnicidade não imperializante. Também, segundo o autor, é preciso ter claro que as experiências negras resultantes da história comum das diásporas forçadas no Caribe, o

que poderíamos estender às Américas em geral são também atravessadas pela diferença e pelo modo como povos e países foram negociando as relações entre: uma presença/ausência africana ao mesmo tempo reprimida, resistente e redescoberta; uma presença dominante europeia, que institui a diferença colonial, mas é também sincretizada, contagiada; e a presença do Novo Mundo, a do território e dos numerosos deslocamentos de colonizadores, povos indígenas, escravos, imigrantes, o lugar das diásporas e suas narrativas de deslocamentos.

### **Entre *Becos* e *Texaco***

*Becos da Memória* é um romance que narra o processo de remoção em uma favela brasileira, remetendo às experiências de Conceição Evaristo como moradora do Morro do Pindura Saia, em Belo Horizonte, cuja ambiência a escritora afirma ter registrado numa espécie de crônica escolar em 1968: “a ambiência de uma favela que não existe mais” (2013:13). Escrito a partir de 1987, o livro tem sua primeira edição em 2006, pela Editora Mazza, enfrentando nesse intervalo toda a dificuldade de publicação que tem em geral a literatura afro-brasileira. Evaristo afirma ser *Becos da memória* o seu “primeiro experimento em construir um texto ficcional con(fundindo) escrita e vida” (2013:11). É conhecido o seu conceito que sustenta esta prática, *escrevivência*, tratado em trabalhos acadêmicos que produz como pesquisadora sensível às questões da cultura e da escrita do povo negro. Entre a escrita de *Becos da memória* e sua publicação em 2006, veio a público o romance *Ponciá Vicêncio*, também pela Mazza, em 2003, seguidos ambos pelas publicações de contos, poemas e ensaios e de uma reedição de *Becos* em 2013, pela Ed. Mulheres. A escritora nasceu em 1946, em Belo Horizonte, e integra junto com Joel Rufino dos Santos, Muniz Sodré, Nei Lopes, entre outros, o que segundo, Eduardo de Assis Duarte (2011:37), seria a geração de consolidação da literatura afro-brasileira, que nascida nas décadas de 30 e 40, beneficiou-se do “fortalecimento de uma consciência afrodescendente no país”, vindo a publicar a partir da segunda metade do século XX.

*Texaco*, de Patrick Chamoiseau, foi publicado em 1992 na França, pela Gallimard, dando para o escritor o prêmio Goncourt e sendo considerado uma obra-prima escrita entre o francês e o crioulo, em um francês “crioulizado”. Narra a tentativa

de demolição do bairro popular Texaco, em Fort-de-France, entre 1980 e 1983, a partir de um processo de escrita em que o espírito etnográfico e histórico estão a serviço da reescrita da história da escravidão na Martinica e suas heranças. Nascido em 1953, em um bairro popular de Fort-de-France, Chamoiseau publicou uma obra extensa de contos, romances, ensaios e manifestos, em que a *creolité* foi objeto de uma construção estética e teórica, juntamente com outros autores martinicanos, como Édouard Glissant, Raphaël Confiant e Jean-Luc de Laguarigue. Antes de *Texaco*, publicou *Chronique des sept miseres*, em 1986, e *Antan d'enfance*, em 1990, o qual deu origem à trilogia em que evoca sua infância, juntamente com *Chémin d'école* (1994) e *À bout d'enfance* (2005).

Dois escritores e duas obras marcados por um lugar de fala afro-identificado, que reinscrevem no nosso presente memórias da escravidão, do êxodo e da deambulação dos descendentes de escravos e do resultado mais visível desses processos históricos e sociais nas cidades contemporâneas. *Becos da memória* aguça ainda uma perspectiva “feminina e afrodescendente” ao narrar “as agruras de uma população favelada em vias de remoção” (Campos; Duarte, 2011:211), assim como Carolina Maria de Jesus narra, no conto “Favela” (2014:41), os processos de despejo na São Paulo de 1948 e sua deambulação entre “mulheres com filhos e sem lar”, inscrevendo nas letras o cotidiano da mulher e mãe favelada e os tortuosos caminhos e persistência pela construção de uma moradia mais digna. Em *Texaco*, a condição masculina da autoria é sensível à inscrição de uma voz feminina, a líder comunitária Marie-Sophie Laborieux, que protagoniza a luta pelo bairro popular Texaco ao narrar a saga de três gerações de sua família.

Acreditamos que um cotejo dos dois romances, *Becos da memória* e *Texaco*, pode ser feito quanto a dois aspectos em especial: primeiramente, a partir do modo como ambos articulam narrativas orais como reconstrução de uma memória coletiva no presente, que também se materializa na escrita; a seguir, quanto ao substrato metafórico que essas escritas constituem da terra, do território e que nos permite revalorar os processos de territorialização precária a partir de um lugar de fala de fragilização territorial.

### **Das narrativas orais à construção da escrita afrodescendente**

Tanto *Becos da memória* quanto *Texaco* narram processos de remoção que teriam uma inscrição espaço-temporal marcada pela segunda metade do século XX em grandes cidades da América Latina e Caribe, Brasil e Martinica. Não obstante sua fixação temporal e espacial numa atualidade que reconhecemos como próxima de nosso presente, essas narrativas tratam das remoções de uma perspectiva radicalmente distinta daquela com que nos habituamos a ver os sujeitos removidos nas mídias e reportagens. Aqui a fala interna ao processo de remoção permite que essas narrativas constituam uma relação muito particular com o espaço narrado, em que o território é percebido *de dentro* e com a duração própria à cadência de fatos que modificam a relação desses sujeitos com o espaço e à comunidade. Esse lugar do sujeito em remoção, em especial das protagonistas dos romances, a menina Maria-Nova, de *Becos da memória*, e a líder comunitária Marie-Sophie Laborieux, de *Texaco*, é também o lugar de inscrição e resgate de uma memória oral de relatos que vêm, desde os antepassados que viveram a escravidão, dar sentido aos fatos do cotidiano. Vejamos mais detalhadamente cada caso.

Em *Becos da memória*, Maria-Nova é justamente quem “colecciona na cabeça e no fundo do coração” histórias ou “pedras pontiagudas” ouvidas de Tio Totó e sua terceira mulher, Maria-Velha, que abrem o romance para outros espaços-tempos, tempos de escravidão, espaços de senzala (Evaristo, 2013:49 e 47, respectivamente); histórias de fazenda e luta que Bondade lhe conta; histórias de guerra de Tio Tatão; histórias de escravidão, de conflitos por terra, de deslocamentos forçados que se reescrevem no cotidiano da favela e que a personagem passa a nutrir o desejo de recontar, mas de outro modo, na escrita: “um dia, não se sabia como, ela haveria de contar tudo aquilo ali” (2013:49).

Aqui se ficcionaliza o viver junto como escuta, assim como nas reflexões de Roland Barthes, em *Como viver junto* (2003). Evaristo constitui a ambiência de uma favela que é emaranhado de narrativas, relações, sentimentos, indagações, que convergem sobre a protagonista exigindo dela um entendimento que produza um sentido: “Fatos estavam acontecendo, mas só conseguia um melhor entendimento por meio das narrações que ouvia” (Evaristo, 2013:78). Maria-Nova encarna, nessa escuta hiperdimensionada das narrativas que circulam no território, o procedimento que a própria Conceição Evaristo afirma estar na gênese de sua escrita, o acúmulo das

palavras, sons, vozes ouvidas na infância e que são transformados em histórias para incomodar o sono injusto das elites:

Escrevo como homenagem póstuma à Vó Rita, que dormia embolada com ela, a ela que nunca consegui ver plenamente, aos bêbados, às putas, às crianças vadias que habitam os becos da minha memória [...] Homens, mulheres, crianças que se amontoaram dentro de mim, como amontoados eram os barracos de minha favela (Evaristo, 2013:30).

Vários pesquisadores que se debruçaram sobre a obra registraram essa pluralidade de vozes que aí se inscrevem: romance coletivo, na compreensão de Eduardo de Assis Duarte na orelha do romance, justamente ilustrando aquilo que a partir de Zilá Bernd (1988) passa a ser um aspecto da compreensão dessa literatura afro-brasileira: a ampliação da voz individual em direção à coletividade.

Mas o sentido que se tece dessas narrativas ouvidas não é outro que a incômoda relação passado-presente: “duas ideias, duas realidades, imagens coladas machucavam-lhe o peito. Senzala-favela” (Evaristo, 2013:104). Eis a contração tempo-espacial que a protagonista passa a viver no decorrer das escutas e andanças pela favela e que será a chave de seu aprendizado e da vontade de escrever essa “história viva que nascia das pessoas, do hoje, do agora” (2013:209):

Pensou em Tio Totó. Isto era o que a professora chamava de homem livre? [...] Tinha que contar sobre uma senzala que, hoje, seus moradores não estavam libertos [...] olhou novamente a professora e a turma. Era uma história muito grande! Uma história viva que nascia das pessoas, do hoje, do agora. Era diferente de ler aquele texto” (Evaristo, 2013: 209-210).

Uma outra história que “um dia, ela haveria de narrar, de fazer soar, de soltar as vozes, os murmúrios, os silêncios, o grito abafado que existia, o grito abafado de cada um e de todos. Maria-Nova um dia *escreveria a fala* de seu povo” (Evaristo, 2013: 247, grifo nosso).

Em *Texaco*, Marie-Sophie Laborieux é quem narra as muitas histórias de seu pai Esternome ao urbanista da prefeitura que chega ao bairro para tratar da remoção, por fim registradas em cadernos junto à Biblioteca Schoelcher, cujas notas o romance apresenta aqui e ali, indicando o número do caderno, a página e o ano. Num deles, registra-se a voz viva de Esternome à filha Marie-Sophie (Chamoiseau, 1993:87, grifo do autor):

Oh, Sophie, meu coração, você diz “a História”, mas isso não quer dizer nada, há tantas vidas e tantos destinos, tantas trilhas para fazer nosso único caminho. Você, você diz a História, eu, eu digo *as histórias*. Aquela que você

acredita ser a raiz de nossa mandioca é apenas uma raiz entre um bocado de outras...

Caderno no. 6 de Marie-Sophie Laborieux

Página 18. 1965. Biblioteca Schoelcher.

Aqui também há uma reescrita da história nessas *histórias* contadas oralmente por seu pai Esternome e recontadas por Marie-Sophie, que nos levam ao espaço-tempo das fazendas de cana, onde os pais de Esternome viveram como escravos: o pai, deixado morrer numa masmorra por sua resistência à escravidão, a mãe insistindo em ter um filho em meio às palavras de ordem “nada de filhos da escravidão”. Os relatos de Esternome vão, assim, das histórias de seus pais à sua história de escravo casualmente libertado por salvar a vida do senhor de escravos, que deambula entre fazendas e cidades no período pré e pós-abolicionista atraído pelas cidades de Saint-Pierre e Fort-Royal, posteriormente chamada de Fort-de-France. Pelos “jardins da memória cultivados por Esternome – “a memória tem seus jardins: ela não brota como capim” (Chamoiseau, 1993:65) – temos acesso ao mundo dividido da escravidão que, mesmo com seu fim e com o avanço do tempo, apresenta-se segregado entre campo e cidade, entre negros do campo e da cidade, entre sujeitos em escalas de cor – “Meu Esternome aprendeu a designar cada pessoa de acordo com seu grau de brancura ou o azar de sua negrura” (1993:71) –, entre liberdade e trabalho, entre “rostos da cidade” que o urbanista aprende a ler a partir dos relatos de Marie-Sophie (1993:155):

Ela me ensinou a reler os dois espaços de nossa vida crioula: o centro histórico, que vivia das novas exigências do consumo; os cinturões de ocupação popular, ricos em vestígios de nossas histórias. Entre esses locais, a palpitação humana que circula. No centro, destruímos a lembrança, inspirando-nos nas cidades ocidentais e e à guisa de renovação. Aqui, no cinturão, eles sobrevivem da memória. No centro, perdemos no moderno do mundo; aqui têm raízes muito antigas, não profundas e rígidas, mas difusas, profusas, espalhadas no tempo com a leveza que a palavra confere. Esses pólos, unidos ao sabor das forças sociais, estruturam com seus conflitos os rostos da cidade

Nota do urbanista ao Marcador de Palavras

Pasta no. 3, Folha XVI. 1987. Biblioteca Schoelcher

Os dois romances nos levam, assim, a pensar a memória e a preservação desses vestígios de homens e mulheres como estruturantes das experiências negras no processo de ocidentalização forçada da diáspora, estando a sobrevivência e o entendimento do mundo atrelados à escuta e à escrita dessas outras histórias que a história oficial



silenciou. Um pouco à maneira de Hall (1996:69), retomando Frantz Fanon, a memória cumpre aqui o papel de reescrever um passado que foi esvaziado, distorcido, destruído, o que é parte do processo de colonização (e escravidão). A escrita, que anseiam as personagens Maria-Nova e Marie-Sophie, representam nos romances os projetos literários de seus autores, Evaristo e Chamoiseau, como recursos de

resistência e identidade [...] [que] longe de estarem alicerçadas numa simples ‘recuperação’ do passado, que espera para ser descoberto e que, quando o for, há de garantir nossa percepção de nós mesmos pela eternidade, são apenas os nomes que aplicamos às diferentes maneiras que nos posicionam, e pelas quais nos posicionamos, nas narrativas do passado” (Hall, 1996:69).

Ao se recontar o passado, permite-se revisar os modos como o discurso dominante posicionou não só objetivamente, mas subjetivamente o sujeito negro em relação a seu passado: “a expropriação íntima da identidade cultural” (Hall, 1996:70). As duas personagens, através das narrativas ouvidas, são capazes de desler a história e explicitar uma série de relações não ditas ou interditas entre tempos e espaços descontínuos: Maria-Nova passa a ver na favela a senzala; Marie-Sophie herda a compreensão de seu pai de que a cidade, ou parte dela, é a casagrande. Maria-Nova e Marie-Sophie ouvem, respectivamente de Tio Totó e de Esternome, histórias de deslocamento incessante e, assim, passam a compreender o processo de desenraizamento de que derivam e como são posicionadas em espaços precários de sociedades racializadas e desiguais e como podem lutar nesse espaço-tempo por outros posicionamentos.

Essa coerência imaginária, os romances a reconstroem a partir do passado com a força das narrativas orais e de sua transposição à escrita, como afirma Glissant na epígrafe final de *Texaco*: “porque a memória histórica foi rasurada com demasiada frequência, o escritor antilhano deve ‘vascular’ essa memória a partir de vestígios por vezes latentes que ele detectou no real” (Glissant apud Chamoiseau, 1993:341). Memória coletiva, já que tecida de tantos vestígios e narrativas de vidas “amontoadas”, como afirma Evaristo, que afastam qualquer pretensão unificante, daí as metáforas rizomáticas de Chamoiseau nos excertos citados: “uma raiz entre um bocado de outras...”; “aqui têm raízes muito antigas, não profundas e rígidas, mas difusas, profundas, espalhadas no tempo com a leveza que a palavra confere”. É esse tecido de metáforas e de modos de narrar e produzir sentido que compartilham Evaristo e

Chamoiseau que iremos abordar nesse segundo subtópico do cotejo dessas duas narrativas de remoção.

### **O substrato metafórico do território, do desenraizamento e da territorialização precária**

A questão dos *tropos* discursivos presentes nas literaturas da diáspora negra nas Américas tem sido proposta de diferentes abordagens: Henry Louis Gates Jr. (1988), numa perspectiva bakhtiniana, entende a produção de significados e formas discursivas a partir da tradição vernácula negra como crucial para entender a produção literária afro-estadunidense que, nas margens do discurso, envelopa sua linguagem com metáforas, ambiguidades, jogos de palavras, ironias paródias etc. Stuart Hall (2003), sobre a produção cultural no Caribe e nos Estados Unidos, mostra como um substrato metafórico próprio à experiência do sofrimento e exílio, do livramento e da redenção, que está nas narrativas judaicas da Bíblia, serve, nas diásporas negras, para tratar para tratar da fuga da escravidão, do cativo, em um jogo de metáforas paralelas, constituindo um duplo texto que interessou aos estudos culturais.

Em *Texaco*, esse substrato metafórico associado ao texto bíblico e seus significados é ativado explicitamente por Chamoiseau pelas escolhas lexicais dos títulos que dividem as partes: “Anunciação”, “O sermão de Marie-Sophie Laborieux”, “Tábua primeira”, “Tábua segunda”, “Ressurreição” etc. Nossa leitura observou no corpo dos dois romances a recorrência de metáforas relacionadas à terra, ao plantio, ao território, que nos parecem constituir significados muito ricos da condição de desenraizamento e de territorialização precária dessas populações negras nas Américas, que atestam a grande oposição formativa do século XIX entre campo e cidade, a partição entre centro e periferia no século XX e anunciam o que seria a possível oposição crucial do século XXI entre os que têm casa e emprego e os que vagam à procura de um alojamento provisório e algum recurso para subsistência (Haesbaert, 2014:311)

Em *Becos da memória*, as referências à terra, ao território e à cidade constituem uma via de acesso pela linguagem ao processo de desenraizamento constante da população negra, sobretudo pelas narrativas de Tio Totó, que nasce após a “Lei do

ventre Livre” e cuja trajetória é marcada perda reiterada da terra, do território e, conseqüentemente, de vidas:

Quem disse que o homem não gostaria de ter raízes que o prendessem à terra? (2013:31).

Perdi um lugar, uma terra, que pais de meus pais diziam que era um lugar grande, de mato, bichos. De gente livre e sol forte... E hoje, agora a gente perde um lugar de que eu já pensava dono. Perder a favela! Bom que meu corpo já está pedindo terra (2013:45).

Cova, lugar de minha derradeira mudança (2013:36).

Sua experiência de deslocamento com a venda das fazendas e a vontade de “esquecer as histórias de escravidão, suas e de seus pais” (2013:34), leva Tio Totó a perder a família ao atravessar um rio e a encontrar, mais tarde, Maria-Velha, com quem passa a viver na favela. Sua história é testemunho de deslocamentos movidos pela busca de subsistência, que se estancam na favela onde, com a nova família, tem moradia e um “pedacinho de terra que havia em volta do barraco, [onde] plantavam mandioca, milho e verduras” (2013:224). É essa “vida plantada” (2013:196) e espremida no território que a remoção quer dar cabo, mostrando como o sentido de “território” pode ser frágil quando aplicado às favelas, já que não há uma “uma zona razoavelmente bem delimitada e sob controle dos grupos que aí se reproduzem” (Haesbaert, 2014:313), embora o geógrafo Haesbaert aponte o quanto os laços sociais e com o espaço vivido (territorialização simbólica) sejam determinantes para o território, mesmo em condições funcionais muito precárias. Com o processo de remoção em curso, percebe-se melhor o processo de desterritorialização ou territorialização precária, entendido como “exclusão, privação e/ou precarização do território enquanto ‘recurso’ ou ‘apropriação’ (material e simbólica) indispensável à nossa participação efetiva como membros de uma sociedade” (Haesbaert, 2014:315), quando o “o território nosso já se resumia ao quase nada” (Evaristo, 2013:220).

E esse processo de remoção é narrado em todas as suas fases e nas sucessivas violações que faz aos direitos dessas populações: sem informação em tempo hábil, os homens “exigiam a saída rapidamente dos moradores. Que se juntassem logo os trapos!” (2013:120); o romance registra também o quanto a desinformação é parte do processo: “o plano de desfavelamento também aborrecia e confundia a todos [...] Dava a impressão de que nem eles sabiam direito porque estavam erradicando a favela” (2013:163); ameaças, pressão política e psicológica, retirada dos serviços públicos e, finalmente, a remoção violenta completam a sequência de ações que levam ao desfecho

de *Becos da memória*: “mais duas ou três torneiras foram retiradas. Era preciso pressionar e encurralar o pessoal” (2013:207), até o momento em que “as mudanças, trouxas, latas, meninos e grandes, cachorros, desamparo, merda e merda, tudo era acomodado desacomodadamente no caminhão” (2013:115) ou, na falta disso, “houve pessoas que assumiram a mendicância e foram morar na rua” (2013:243)

É Negro Alírio, no romance, “o único que pisava num solo que sabia ser seu” (2013:215), pois aprendera não só a “ler cada palmo da terra, cada pé de cana, cada semente de milho”, como lia a realidade, “o que estava e o que não estava escrito” e “cada rosto de um irmão seu” (2013:90). A territorialização comunitária que constrói ao seu redor faz frente ao sofrimento isolado de cada um, de cada família desterrada pelo processo do desfavelamento. O “solo” em que Negro Alírio planta sua vida é o da leitura, da compreensão do mundo, da libertação, da luta, da construção da vida. “Direitos sonogados” é o que resulta de sua leitura da realidade: “que todo mundo fizesse uma voz única em coro, que fosse capaz de produzir um som eternamente audível, ressoando os lamentos e os direitos sonogados de todos” (2013:230).

*Texaco* dilata ao infinito as dobras e o espaço narrativo de uma possível remoção, entre a “Anunciação”, que traz a visita do urbanista ao bairro a “questionar a utilidade de nossa insalubre existência” (1993:21), e a “Ressurreição”, que fornece uma imagem cristalina do bairro sendo consolidado com a interrupção do processo de despejo. Entre essas duas pontas, as muitas narrativas que reconta Marie-Sophie Laborieux, de seu pai e avô e de si própria preenchem, com linguagem desconstrutora, essas grandes temporalidades rasuradas que vão de “tempos de palha” do século XIX aos “tempos de fibrocimento” e “tempos de concreto” do século XX, quando em 1950 funda Texaco. Até que no início da década de 1980, ocorre a visita do urbanista para a demolição do bairro, mas, por conta de sua longa narrativa e luta, torna-se a “reabilitação” de Texaco, a quem ela chama: “minha obra, nosso bairro, nosso campo de batalha e de resistência. Ali levávamos adiante uma luta pela Cidade, começada já havia mais de um século” (Chamoiseau, 1993:33).

Essa “luta pela cidade”, que é uma luta pelo território, começa, no entanto, na escravidão de seu avós, lembrando “uma terra impossível que ele murmurava África” (1993:45), passa pela “conquista da casa-grande” por seu pai, que erguia-se panopticamente no centro da fazenda e era avistada “de qualquer lugar onde trabalhassem” – com o “olhar furtivo que teríamos mais tarde diante das cidades ou de suas catedrais” (1993:48) –, pela descoberta da cidade “aberta aos ventos” pelo pai

alforriado, fugindo dos campos e assumindo os trejeitos de “negro livre da Cidade”, que lhe fazem se distanciar dos “negros da roça”, “negrões” ou “negros na coleira”. Dificil decisão, com a abolição e a substituição da ilusão da divisão das terras pela “cantiga do Trabalho”, entre ficar no campo – onde “os negros teriam preferido [...] para existir. O campo para se alimentar. O campo para ser compreendido, o campo para morar” (1993:81) – e a cidade: “Cidade alta. Cidade maciça. Cidade portadora de uma memória da qual estavam excluídos” (1993:80); “cidade apinhada de negros errantes” (1993:107), cidade-enigma. Errando pelas cidades com seu pai está Ninon e, depois de sua morte, Indoménée, ex-escrava de uma fazenda próxima a Fort-de-France, que será a mãe de Marie-Sophie.

Aos poucos, em novos “tempos de madeixa e caixote” que iniciam o século XX, essa oposição entre campo e cidade vai dar lugar a uma rica semântica que dividirá os dois espaços da cidade entre “centro histórico, ocidental” e “cinturões que sobrevivem da memória”, entre centro e “bairro dos miseráveis”, entre “oceano” e “havre”, entre “cidade” e a pergunta “e isso é uma cidade?”, entre cidade e “terra instável” que luta contra a água, entre homens, que têm por única tarefa construir o próprio barraco, e mulheres, que precisam encontrar comida “sem ter uma roça”, devendo “plantar em si mesmas um pequeno roçado de astúcias” (1993:156-157).

É o tempo de Marie-Sophie criança, que encontrará mais tarde, com a morte dos pais e a perda do barraco, seus próprios meios de sobrevivência na cidade, vagando de “casa em casa, de patroa em patroa” (1993:202) até a primeira fundação de Texaco, em “tempos de fibrocimento”, seguida de expulsão policial, quando a cidade, mesmo com uma prefeitura de esquerda, “não se oferecia fácil como um prato de mingau” (1993:274). Foi preciso que “os comunistas compreendessem” esse “proletariado sem fábricas, sem oficinas, e sem trabalho, e sem patrões, perdido nos biscates, mergulhado na sobrevivência [...] *Que gente é essa?* (1993:279, grifo do autor), que apoiassem sua instalação nas colinas e Texaco foi então refundada por um “bando aquilombado, ainda desorganizado no centro da batalha” (1993:280).

A rica construção de imagens, em *Texaco* e *Becos da memória*, da saga dessas famílias em busca de um território entre várias gerações fala desse processo caótico de territorialização da diáspora negra nas Américas, que desde a perda de seu território na África, como mostra Evaristo, deambula pelas margens de nossas sociedades que lhes negou reiteradamente o direito à terra, ao campo, o que deveria ter sido a primeira opção para a fixação do grande contingente de escravos deslocados das fazendas, e

também lhes nega o direito à parte estável e organizada dos território das cidades, empurrando-os para os morros, para construírem por conta própria seus territórios possíveis até que outras forças de desterritorialização os atinja, remova-os de território precário em território precário ou, como no final de *Texaco*, que a cidade se reconcilie com a cidade, com a reabilitação de Texaco, “a absorção progressiva que a Cidade fazia daquele local mágico” (Chamoiseau, 1993:345).

### **Palavras finais**

No Brasil, uma nova leva de remoções para a “revitalização” das grandes cidades em processo de globalização e forçadas pela lógica dos megaeventos colocam em situação de remoção não menos que 170 mil pessoas, muitas realojadas em distantes áreas periféricas, outras lançadas na vulnerabilidade do aluguel social, outras que insistem em permanecer e lutar por seu território, outras que desistem e vão para as ruas. Remoções que têm ocorrido, em geral, sob a chancela dos governos e às custas de violações de direitos, desinformação, ameaças e segregação dos pobres nas periferias distantes. Só no Rio de Janeiro, esses processos superam em muito os números de removidos nas épocas emblemáticas de Pereira Passos e Carlos Lacerda, sendo parte de uma lógica de “desposseção dos ativos territoriais dos mais pobres, que é parte da acumulação do capital em novas bases” (Rolnik, 2015:12). Raquel Rolnik, que foi relatora da ONU para o direito à moradia adequada entre 2008 e 2014, enfatiza o quanto a “opacidade” e a falta de registros e de respostas imperam ao se buscar informações sobre esses processos junto aos governos e instituições responsáveis.

Esses dois romances, escritos no final do século XX, constituem cartografias atualizadas de processos que não se extinguiram com o final de século e ganham hoje novos discursos e novos silêncios. São prova da abolição inclusa de nossas sociedades e de quanto ainda precisamos caminhar em termos de reparação e reabilitação de nossa vida social, se quisermos superar as heranças da escravidão que insistem em nosso presente. A memória que esses romances constituem nos importa: “a memória de todo massacre ou de todo genocídio, ela importa ao equilíbrio do mundo [...] a memória recuperada é antes de tudo uma ferramenta de solidariedade entre povos” (Glissant, 2007:124). Esses escritores ajudam-nos a juntar os fios ainda soltos dessa memória

coletiva da escravidão transatlântica e de sua diáspora, que se fez e se faz silenciar por vários meios, inclusive pela não criação pela França do prometido “Centre nacional pela memória das escravaturas e duas abolições”, idealizado por Glissant para ser exatamente o espaço de porosidade e transversalidade entre povos na pesquisa da escravidão e de suas heranças.

Se podemos convocar com alguma propriedade o conceito de estrutura de sentimento de Raymond Williams (2011) para abarcar essas escritas diaspóricas que se fazem à distância, entre línguas, países e espaços diversos, é exatamente nesse sentido de escrita de histórias transversais que ligam os muitos fios soltos de nossa memória coletiva. A literatura faz, assim, esse trabalho transversal de tornar menos “opacas”, “indistintas” e “impermeáveis” as várias escravidões do povo negro, fazendo “o movimento contrário do que se passa nas histórias das escravaturas” (Glissant, 2007:147), tornando-se um vetor da memória coletiva e da solidariedade entre os povos que viveram a escravidão transatlântica.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- Barthes, Roland. 2003. *Como Viver junto*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bernd, Zilá. 1988. *Introdução à literatura negra*. São Paulo: Brasiliense.
- Campos, Maria Consuelo Cunha; Duarte, Eduardo de Assis. 2011. Conceição Evaristo. In: Duarte, E. A. (Org.). *Literatura e Afrodescendência no Brasil: Antologia crítica – Consolidação*. Belo Horizonte: Editora UFMG. p. 207-226.
- Chamoiseau, Patrick. 1993. *Texaco*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Duarte, Eduardo de Assis. 2011. Entre Orfeu e Exu, a afrodescendência toma a palavra. In: Duarte, E. A. (Org.). *Literatura e Afrodescendência no Brasil: Antologia crítica – Precursores*. Belo Horizonte: Editora UFMG. p.13-48.
- Evaristo, Conceição. 2013. *Becos da Memória*. Florianópolis: Ed. Mulheres.
- Gates, Henry Louis Jr. 1988. *The signifying monkey*. New York: Oxford UP.
- Glissant, Édouard. 2007. *Mémoires des esclavages*. Paris: Gallimard.
- Haesbaert, Rogério. 2014. *O mito da desterritorialização*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Hall, Stuart. 1996. Identidade Cultural e Diáspora. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n. 24. Rio de Janeiro: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, p. 68-75.

\_\_\_\_\_. 2003. *Da diáspora*. Belo Horizonte: Ed. UFMG.

Jesus, Carolina Maria de. 2014. Favelas. In: Jesus, Carolina Maria de. *Onde estaes felicidade?* São Paulo: Me Parió Revolução.

Rolnik, Raquel. 2015. Prefácio. In: Faulhaber, L.; Azevedo, L. *SMH 2016: Remoções no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Mórula.

Williams, Raymond. 2011. *Cultura e materialismo*. São Paulo: Editora Unesp.